

OLHARES SOBRE A TERRA E O HOMEM DA AMAZÔNIA: UM IMAGINÁRIO EM CONSTRUÇÃO¹

Brigitte Thierion

Université Sorbonne Nouvelle – Paris 3

Abstract: This paper sketches a path in the construction of the imagery about the Amazon since its discovery. It revolves around two topics: the earth and man, and outlines a timeline that ranges from the construction of a euphoric perception, accompanying the discovery of unknown space, to a dysphoric view related to the approach and study of man, both native and immigrant, considered from a colonization perspective. It aims to highlight the genesis of myths and of perennial representations in contemporary literature.

Keywords: Representations of the Amazon; myths; travelogues.

Resumo: Este artigo esboça um percurso por meio das ideias que forjam as representações da Amazônia desde a sua descoberta. Foram privilegiados dois eixos: a terra e o homem. A instauração do mito e a sua desconstrução foram consideradas como figuras fundadoras das representações da Amazônia, de forma a salientar o modo como a percepção eufórica que acompanha a descoberta de lugares incógnitos cede espaço a uma visão disfórica, ligada à aproximação e estudo do homem, o autóctone e o imigrante, dentro de um esquema de colonização. Ela fornece também algumas chaves para a compreensão de universos narrativos contemporâneos, em constante diálogo com esse imaginário.

Palavras chaves: Representações da Amazônia; mitos; relatos de viagem.

O nosso propósito consiste em esboçar aqui um percurso por meio das ideias que forjam as representações da Amazônia ao longo da história, privilegiando dois eixos: a terra e o homem. Esta pesquisa teve início em um trabalho de doutorado focado no estudo da obra ficcional do escritor amazonense Márcio Souza (Thierion 2010). Por ser enraizado na realidade histórica, social, econômica e cultural da Amazônia, o universo do

¹ Trabalho apresentado no Simpósio Amazonia: Travelers, Writers, and Its People, University of California, Davis, 12-13 de Maio 2014.

escritor nos levou a operar uma contextualização da qual emergiu o diálogo constante e irônico entre os seus escritos e as representações históricas forjadas sobre a região. Nesta altura, o *corpus* foi definido a partir de dois ensaios do escritor: *A Expressão Amazonense: do Colonialismo ao Neocolonialismo* (1977; 2009; 2010) e *Breve História da Amazônia* (1994; 2001), cuja edição mais recente, revisada e ampliada, tornou-se *História da Amazônia* (2009). Neles, o escritor tenta preencher lacunas editoriais, ao mesmo tempo em que procura dar maior visibilidade à Amazônia, à sua presença intelectual e à riqueza de seu patrimônio cultural escrito para lutar contra os preconceitos que afetam a sua imagem. O panorama intelectual e histórico delineado embasa, de certa forma, o próprio conhecimento do escritor sobre a sua região natal.

No decorrer de nossas leituras, pudemos observar a recorrência de imagens presentes em outros relatos produzidos por alguns dos numerosos viajantes ou naturalistas que transitaram pela Amazônia. Por isso, em etapas posteriores a esse trabalho, abordamos algumas das obras de viajantes franceses do século XIX, tais como o médico Amédée Moure, o pintor François-Auguste Biard, o geógrafo Elisée Reclus, o economista Charles Expilly e o historiador Ferdinand Denis, personalidades vindas de horizontes diversos, que desenvolvem um discurso sobre a colonização e se referem aos tópicos mais frequentemente encontrados. Tanto as obras ensaísticas quanto as obras ficcionais demonstram a influência dos mitos e das visões preconceituosas que formam as representações sobre a terra e os povos da Amazônia desde o século XIX até a contemporaneidade.

A intensidade das trocas e viagens na Amazônia a partir da segunda metade do século XIX, período que coincide com a abertura do rio Amazonas à navegação, e a multiplicidade dos testemunhos escritos impossibilita qualquer visão exaustiva. No entanto, sem pretender emitir julgamentos definitivos, esperamos que as análises aqui referidas possam contribuir para melhorar a compreensão das representações ainda vigentes no século XXI e do fecundo diálogo instaurado pela literatura.

Abrir a perspectiva inicial a estes estudiosos da Amazônia permitiu salientar a vivacidade e permanência das representações históricas encontradas em escritos ficcionais contemporâneos e sublinhar a perspectiva paródica e crítica assumida por diversos

autores brasileiros como Márcio Souza, Darcy Ribeiro e Milton Hatoum, ou estrangeiros como a escritora quebequense Josée Marcotte. A persistência dos mitos de fundação da Amazônia, como o Eldorado ou as Amazonas, o recurso a situações arquetípicas é tão visível que se pode interpretar como o sintoma de um questionamento profundo sobre as relações de poder e as noções de gênero em um mundo que se percebe em crise, e que está carente de grandes utopias.

Consideramos que a instauração do mito e a sua desconstrução são figuras fundadoras das representações da Amazônia. A percepção eufórica que acompanha a descoberta de lugares incógnitos cede espaço a uma visão disfórica, ligada à aproximação e estudo do homem, o autóctone e o imigrante, dentro de um esquema de colonização.

1 A euforia da descoberta: a floresta da fábula

A colonização e a exploração do território vão permitir a construção de um reservatório de imagens que moldam a identidade da Amazônia aos olhos do mundo. As descrições lisonjeiras dos primeiros cronistas, entre os quais o Padre Carvajal (1542), apontam a extrema fertilidade da terra e a amenidade do clima, assim como a densidade dos povoados encontrados ao longo dos rios, nada menos que um convite para a futura colonização:

[...] a terra é tão boa e fértil [sic] e tão ao natural como a de nossa Espanha, [...]. É terra temperada onde se colherá muito trigo e se darão todas as árvores frutíferas. (Carvajal 194: 62)

Nota-se a tentativa do cronista em reduzir a impressão de estranheza estabelecendo uma comparação com o mundo conhecido. Um século mais tarde, os escritos do padre Acuña (1639), conhecido como o “Conquistador da Amazônia”, retomam a mesma perspectiva. Neles, o cronista contribui para forjar a imagem de um paraíso terrestre, que já fora introduzida pelo próprio Colombo no primeiro contato com a terra americana. Acuña associa o território amazônico ao jardim do Éden – uma figuração já usada para caracterizar o continente, conforme analisou Sérgio Buarque de

Holanda (1996: 138-139). O autor desenvolve esse tema, que associa o Grão-Pará à imagem do paraíso terrestre:

[...] Do rio das Amazonas se pode afirmar que as suas margens são em fertilidades Paraísos, e se a arte ajudar à fecundidade do solo será todo ele uma série de aprazíveis jardins. (Acuña apud Freire 1994: 72-73)

Essa descrição visa a dois objetivos: por um lado, tranquilizar filosoficamente; por outro, satisfazer as finalidades mercantilistas que formam o verdadeiro objetivo da viagem. Reencontramos essas ideias em uma carta endereçada, em 1734, ao Rei D. João V pelos representantes do povo do Maranhão e do Grão-Pará (Mello Moraes apud Tocantins 1960: 88-89). Segundo eles, o clima é responsável pela amenidade da terra: “O clima é tão benigno e favorável para a produção das sobreditas drogas como para conservação da vida humana”. Essa observação os leva a concluir que, se a Amazônia não é: “[...] o paraíso terreal é o tronco e origem de todas as riquezas e delícias do mundo”.

O lirismo excessivo das descrições, como apontou Leandro Tocantins, denota a influência de uma escola literária que defende a exaltação da terra desde a época do descobrimento. Nos seus escritos, os cronistas² Pero Vaz de Caminha (1500; 1773), Gabriel Soares de Souza (1587), Fernão Cardim (1583 e 1601), Magalhães de Gandavo (1576) moldaram uma sensibilidade que tende ao exagero. O próprio Lévi-Strauss (2001: 433) destaca o fato de que a “linguagem amazônica gosta de superlativos”. Com efeito, essa tendência pode ser observada nos estilos de escritores do século XIX como Euclides da Cunha ou Alberto Rangel, e de forma paródica em *Galvez Imperador do Acre* (1976), do escritor contemporâneo Márcio Souza. Esse fato pode ser considerado parte de uma pesquisa estética adaptada à singularidade deste universo.

Desenvolve-se, como apontou Magali Franco Bueno (2002: 6), um conjunto de noções-chave que se mantêm bastante vivas até hoje. Entre elas, a imagem do Oriente, do Paraíso Terrestre, do Inferno, da Gênese e do Eldorado voltam incessantemente, misturando mitos pagãos e cristãos.

² Pero Vaz de Caminha (em carta datada do 1º de maio de 1500, que seria redescoberta em 1773), Gabriel Soares de Souza (Tratado Descritivo do Brasil, 1587), Fernão Cardim (Tratados da Terra e Gente do Brasil, 1583 e 1601, é a reunião de três textos publicados e anotados em 1925 por Capistrano de Abreu), Pêro de Magalhães de Gandavo (História da Província Santa Cruz a que Vulgarmente Chamamos Brasil, 1576).

Os motivos exóticos, ligados à mística do Oriente e de sua busca, fazem-se muito presentes influenciando a construção das futuras identidades brasileiras e amazônicas e a criação de tópicos. Mitos gregos, como das guerreiras Amazonas³ ou figuras do bestiário medieval encontrados nos relatos de Marco Polo (1298) e Jehan de Mandeville (1355-1357), inspiraram a criação de uma geografia fantástica, povoada de monstros, como esses homens sem cabeça, os Ewaipanoma, popularizados, no relato de sua segunda viagem à Guiana entre 1617 e 1618 (Raleigh 1893: 106), pelo famoso aventureiro inglês, Sir Walter Raleigh (1552-1618). Essas figuras, originalmente ligadas às viagens terrestres em direção à África e ao Oriente, foram reapropriadas para povoar os espaços americanos recém descobertos, em particular o espaço amazônico. Maria Belluzzo observa como o incessante vai e vem entre o Velho e o Novo Mundo vai construindo as identidades, tanto americana como europeia, e salienta o fato de que as obras escritas dão “a ver um Brasil pensado por outros” (Belluzzo, 1996, p. 10)⁴. A construção de uma imagem imposta pelo Ocidente constitui uma realidade histórica incontornável.

Quanto à Amazônia, ela é representada como uma terra virgem, inacessível, uma selva impenetrável e misteriosa, imagens que se prolongariam na representação de um deserto: um espaço vazio de civilização, associado à suposta ausência de cultura dos povos indígenas, o que, afinal de contas, vai materializando o descentramento geográfico que acaba por criar o mito de uma marginalidade histórica. A pregnância desse imaginário é tal que leva os intelectuais amazonenses, na contemporaneidade, a reescrever a sua história e reformular este imaginário para salientar a especificidade de sua participação na construção da identidade nacional, como mostra o trabalho do escritor Márcio Souza em

³ O mito das Amazonas provém do Livro IV de Heródoto. Ele relata a fundação do povo Sármatas, formado por homens citas e mulheres amazonas. As mulheres recusaram se misturar com mulheres citas por não terem os mesmos costumes. Elas caçavam, montavam a cavalo e usavam arcos. Elas pertenciam a uma sociedade matriarcal, ou não exclusivamente patriarcal, o que se diferenciava dos costumes dos gregos e as fez entrar no mito. O fato de que elas sempre eram vencidas, como na *Ilíada* e *Eneida*, provaria que a ordem é sempre reestabelecida para o autor (Lequenne 1994: 32-40); ver também: Pe. Lafitau, *Joseph François. Mœurs des sauvages Amériquains comparées aux mœurs des premiers temps*. Paris: Saugrain L'aîné, 1724. t.1, p. 50-55. Supõe-se que as Amazonas teriam sido uma espécie de religiosas, Vestais, vivendo juntas e em castidade. Ocasionalmente, os homens da vizinhança teriam vindo prestar-lhes serviços.

⁴ Ver também (Bueno 2002: 36).

A Expressão Amazonense: do Colonialismo ao Neocolonialismo (1977; 2009; 2010), ou em *Breve História da Amazônia* (1977; 2009).

Neide Gondim (1994: 52) salienta como essa relação de complementaridade toma a forma de uma figura invertida⁵. Ao longo da sua história, a Amazônia assume o papel de “antimundo” em relação ao Velho Continente. Por ser central na construção da identidade regional, a figura das guerreiras Amazonas pode ser escolhida como ilustrativa dessa relação, atribuindo-se ao cronista de Orelhana, o Padre Carvajal, a sua descrição no ataque sofrido pela expedição partida de Quito em 1540, durante o qual, ferido por uma flecha, chegou até a perder um olho⁶. Junto a essa figura mítica, podemos evocar o mito do Eldorado, já difundido pelo espanhol Belalcázar desde 1534, e definitivamente associado à região do rio Orinoco, no território fronteiriço entre a Guiana e o Brasil, um século depois por Sir Walter Raleigh, junto com a lenda do lago Parima. Mais tarde, Charles Marie de La Condamine (1701-1774), persegue essa meta fabulosa. Ao optar pela travessia da bacia amazônica para efetuar a sua viagem de regresso à Europa, explorando o Rio Negro e o Orinoco, ele procura confrontar essa geografia fantástica com a realidade. Na altura do Japurá, discute as hipóteses levantadas pelos Padres Acuña (1641)⁷ e Fritz e salienta a importância das dificuldades de compreensão com os indígenas na construção do mito. A sua conclusão, matizada de ceticismo, não soluciona no entanto a questão⁸.

Dentre os mais célebres estudiosos da terra amazônica, Alexandre de Humboldt (1769-1859) procura esclarecer essa “geografia mítica” (1819: 694-698), sobre a qual o

⁵ Ibid., p. 38.

⁶ Bernard Emery faz uma desmontagem do relato a partir dos cânones da época. Segundo ele, o episódio do ataque das mulheres guerreiras seria uma “maravilhosa invenção”. (Emery 2014: 101)

⁷ O padre Cristóbal de Acuña é autor do *Nuevo Descubrimiento Del Gran Río de Las Amazonas* (1641), no qual descreve a viagem de Pedro Teixeira sobre o Amazonas. O Padre Samuel Fritz (1654-1725) cartografou a região do rio Solimões e do rio Amazonas por conta da coroa espanhola.

⁸ “Não se pode negar que por um lado a avidez e a preocupação dos europeus, que queriam por tudo achar o que buscavam, e por outro o gênio mentiroso e exagerador dos índios, interessados em afastar hóspedes incômodos, tenham podido facilmente aproximar objetos tão distantes na aparência, alterá-los a ponto de torná-los irreconhecíveis”. (La Condamine 2000: 93)

historiador Ferdinand Denis (1798-1890) se debruça também, o que o leva a observar a persistência do mito:

Em vão grandes viajantes disseram que o lago Parima não existia, que as chuvas o criavam temporariamente nas savanas floridas entre Orinoco e Amazonas; acredita-se ainda nesse belo lago e na cidade de ouro, muito mais bela, acrescento eu, para esses homens inocentes, que o ponto negro que lançamos tantas vezes ao acaso nos nossos mapas de geografia.⁹

O Eldorado americano e as guerreiras Amazonas integram o universo da ficção de forma perene, e não somente nas páginas do *Cândido* (1759) de Voltaire, ressurgindo episodicamente na literatura em romances de aventura como *Le Superbe Orénoque* (1898) e *La Jangada* (1881) de Jules Verne (Dupuy, 2009: 164-165), no século XIX, ou na atualidade, sob uma forma paródica, como em a *Utopia Selvagem* (1982), de Darcy Ribeiro, *Órfãos do Eldorado* (2008), de Milton Hatoum, ou mais recentemente, *Les Amazones* (2012), da escritora quebequense, Josée Marcotte, em um universo inspirado pela Amazônia, expressando um desencantamento pós-moderno.

A representação da Cidade lendária, a fabulosa Manoa, que completa a tríade inaugural, forma um dos ricos capítulos dessa transferência mítica operada na construção da representação da Amazônia, encontrando na literatura um terreno fértil para alimentar o imaginário, o que leva Márcio Souza a escrever:

Como podemos ver, a Amazônia é uma das pátrias do mito, onde ainda existe uma unidade entre a natureza e a cultura numa permanente interação de estímulos e afirmação. (Souza, 2010)

A confrontação com a imensidade e a desproporção da selva, do rio, das manifestações de uma natureza soberana e imprevisível, alimenta sentimentos complexos ou mesmo contraditórios, como se observa na relação de La Condamine em 1743:

Chegado a Borja, eu me encontrava em um novo mundo, afastado de qualquer comércio humano, sobre um mar de água doce, no meio de um labirinto de lagos, de rios e de canais, que penetram em todos os sentidos uma floresta imensa que só eles tornam acessível. Eu encontrava novas plantas, novos animais, novos homens. Meus olhos, acostumados por sete anos a ver montanhas se perder nas nuvens, podiam se cansar de fazer a volta do horizonte, sem outro obstáculo que as únicas colinas do Pongo que logo iam desaparecer da minha vista. A esta multidão de objetos

⁹ “En vain, de grands voyageurs ont-ils dit que le lac Parima n’existait pas, que les pluies le créaient passagèrement dans des savanes fleuries entre l’Orénoque et l’Amazone; on croit encore au beau lac et à la ville d’or, bien plus belle, je vous assure, pour ces hommes naïfs, que le point noir qu’on jette si souvent au hasard sur nos cartes de géographie.” (Denis 1843: 147) (Traduções nossas ao longo do artigo.)

variados, que diversificam os campos cultivados aos arredores de Quito, sucedia o aspecto mais uniforme: água, vegetação e mais nada¹⁰.

Apenas revelado em sua vastidão, o horizonte se fecha e cede o lugar a um espaço labiríntico e uniforme. À admiração inicial sucede a decepção. Se a imensidade da floresta parece reter a atenção do viajante, é sem dúvida porque a realidade física encontra imediatamente uma ressonância interna, e que ela estabelece um diálogo com o imaginário, assim como sugere Serge Gruzinski: “A imensa floresta é um dos reservatórios onde por muito tempo se alimenta nossa sede de exotismo e de pureza” (Gruzinski, 1999: 23)¹¹.

Confrontado com a sua própria condição dentro do cosmos, o homem mede a sua extrema fragilidade e solidão. O contato com essa natureza fora das normas o incita a se referir à origem do Mundo para escrever e explicar a singularidade de um espaço que não pode abraçar.

A visão eufórica que vai acompanhando a exploração, e que leva os exploradores românticos a louvar a harmonia do universo ao salientar as interações entre os elementos, cria um universo sensível, traduzido em uma veia poética:

Diariamente lanço-me na meditação do grande e indizível quadro da natureza e, embora seja fora do meu alcance compreender sua finalidade divina, ele me enche de deliciosas emoções. – São três horas da madrugada; levanto-me da rede porque não consigo mais dormir de excitação; abro as venezianas e olho para a noite solene. (Spix; Martius, 1981: 18)

Quando Spix (1781-1826) e Martius (1794-1868), que dizem ser o “Colombo da Amazônia”, abordam a foz do Amazonas, entre 1817 e 1820, eles são sobrecarregados pela grandeza da paisagem que se estende sob seus olhos e pela beleza da natureza que se

¹⁰ "Arrivé à Borja, je me trouvais dans un nouveau monde, éloigné de tout commerce humain, sur une mer d'eau douce, au milieu d'un labyrinthe de lacs, de rivières et de canaux, qui pénètrent en tous sens une forêt immense qu'eux seuls rendent accessible. Je rencontrai de nouvelles plantes, de nouveaux animaux, de nouveaux hommes. Mes yeux, accoutumés depuis sept ans à voir des montagnes se perdre dans les nues, ne pouvaient se lasser de faire le tour de l'horizon, sans autre obstacle que les seules collines du Pongo qui allaient bientôt disparaître à ma vue. À cette foule d'objets variés, qui diversifient les campagnes cultivées des environs de Quito, succédait l'aspect le plus uniforme : de l'eau, de la verdure, et rien de plus." (La Condamine 2004 : 60).

¹¹ “L’immense forêt est l’un des réservoirs où depuis longtemps s’alimente notre soif d’exotisme et de pureté.” (Gruzinski 1999: 23).

oferece à curiosidade deles, como se estivesse “a surgir das águas criadoras” (Spix; Martius, 1981: 144).

Os viajantes se veem em uma solidão cósmica que favorece uma reflexão mística, celebrando com lirismo a obra potente do Criador que os transporta em uma temporalidade mítica, o tempo das Origens que favorece uma interrogação ontológica:

Tudo em volta de nós se destacava distintamente como uma ressonância, como um ato do grandioso drama do mundo, no qual, todos animados pelo Criador com o imortal gozo de ser, cada um segundo o seu modo, porfiam anelantes pelo elogio e pelo louvor de Deus; e mais significativo, mais patente do que em qualquer outro lugar, pareceram-nos ressoar, em harmoniosa concordância no hino à vida, tanto as plantas como os animais, tanto os elementos como o éter e como o sol, dominador dos planetas. (Spix; Martius, 1981:145)

Nessa perspectiva, as belezas do Mundo e da Natureza provêm de uma ordem superior que a sua curiosidade científica há de descrever para honrá-la e servi-la. Mas, como observa Alfred Russel Wallace (1848-1852), o naturalista pode se deixar levar por um entusiasmo delirante: “O naturalista, por uma razão ou por outra, enxerga tudo o que existe nos trópicos com essa aura de beleza. Aqui uma planta tropical: ei-lo a examiná-la com curiosidade e deleite...” (Wallace, 1979: 271).

Às figuras do Gênese, da idade de ouro ou do paraíso convocadas de forma recorrente, sucedem representações procedentes de uma tentativa de racionalização científica. Fazem parte dessa representação a evocação da pré-história e as teorias evolucionistas.

A criação do universo mítico cede espaço a uma visão disfórica, característica da reapropriação do tratamento do mito na contemporaneidade, perceptível nas linhas dos viajantes a partir do século XIX, acompanhando a fase de intensa exploração e descoberta dos espaços selváticos. O verbete consagrado à definição do lago Parima e da Cidade de Manoa publicado em 1839 por Ferdinand Denis ilustra essa redução do mito:

No lugar de um imenso lago, onde uma população numerosa retira o ouro como se fosse areia ; [...] no lugar de mil outras maravilhas, cuja relação nos levaria muito longe, devemos contentar-nos em admirar, na província do Rio Negro e na Guiana portuguesa, grandes florestas, rios magníficos, vales férteis que aguardam apenas braços laboriosos para se cobrir de ricas colheitas [...] Se uma escassa população ainda pode ser avistada vez ou outra no interior, é composta sobretudo de tribos indígenas pacificadas pelos missionários do Carmo, as quais abandonaram seus antigos costumes ; ou então constitui-se de algumas tribos errantes, em número muito

insignificante para serem temidas, e muito pouco trabalhadoras para que se possa pensar seriamente em tirar o mínimo proveito de seus esforços¹².

Na concepção cristã, o mito do paraíso é indissociável da queda. Por isso, a dicotomia e o paradoxo podem ser considerados como correlatos constitutivos da representação complexa e múltipla da Amazônia que escapa à sistematização.

O positivismo científico desmistifica o espaço à medida que delinea os seus contornos físicos, participando da própria construção de um olhar científico para Lorelai Kury (2001: 863-880). Por isso, as descrições oscilam entre dois polos extremos em uma dimensão moral, as quais exploram a dicotomia entre o bem e o mal, o paraíso e o inferno, conjugando-se com a colonização e exploração econômica do território.

2 O espaço disfórico: realidade e exploração econômica

Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815), o primeiro cientista nascido no solo brasileiro, é uma das vozes precursoras, no século XVIII, de uma visão disfórica inspirada pela singularidade do espaço amazonense. Segundo ele, a Amazônia sofre da exuberância de sua vegetação e da umidade excessiva do clima, responsável por uma atmosfera mefítica, em que proliferam insetos, vermes e répteis, mas faltam animais de grande porte, como acontece na Ásia e na África (Ferreira, 2003: 17-18).

Essas considerações nos levam a evocar a atitude do Barão de Santa-Anna Nery, um intelectual amazonense, autor de um livro escrito em francês para o público francês (Nery, 1899: p. XVIII), na virada do século XX, *Le Pays des Amazones* (1885). Marcada por um entusiasmo quase pueril diante das riquezas da terra, a obra procura dismantlar os

¹² "Au lieu d'un lac immense, où une population florissante recueille l'or comme du sable; [...] au lieu de milles autres merveilles dont le récit nous entraînerait trop loin, il faut se contenter d'admirer, dans la province de Rio Negro et dans la Guyane portugaise de grandes forêts, des fleuves magnifiques, des vallées fertiles qui n'attendent que des bras laborieux pour se couvrir de riches moissons. [...] Si une population rare se montre de loin en loin dans l'intérieur, elle se compose surtout de tribus indiennes soumises par les moines du Carmel, et qui ont abandonné leurs anciens usages ; ou bien elle offre encore quelques tribus errantes, trop peu considérables aujourd'hui pour être à craindre, trop peu laborieuses pour qu'on songe sérieusement à tirer parti de leurs efforts ." (Denis 1839: 309-310).

preconceitos de forma a incentivar a instalação de colonos europeus e participa, a seu modo, da construção das representações. Nela, o Barão afirma que: “O Brasil é um presente do século XVI, oferecido ao futuro pelo acaso”, e prossegue, “A Amazônia é o desespero dos naturalistas. Muitos anos passarão ainda antes que sejam inventariadas as riquezas que ela contém. Este trabalho poderá ser realizado apenas por uma legião de pioneiros.” (Nery, 1899: 63)

Em uma perspectiva econômica, a Amazônia é vista como um dom da natureza e, ao mesmo tempo, em sua desordem e capacidade de transformação, ela é interpretada como um erro da criação. Na mesma época, em 1903, o engenheiro, escritor e jornalista, Euclides da Cunha, que chefia a Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus, na fronteira do Brasil com o Peru, compartilha algumas das opiniões de Santa-Anna Nery. Para ele, a Amazônia não abre mão do seu mistério: “A terra é misteriosa. Seu espaço é como o espaço de Milton: esconde-se em si mesmo”, e o conhecimento só se adquire ao preço de muitos sofrimentos: “É a guerra de mil anos contra o desconhecido.” (Cunha, 1927: 4).

Com o lirismo e o sentido da fórmula que lhe é próprio e que resulta, segundo a fórmula de Leopoldo Bernucci, da busca de uma *Terceira Margem do Texto* (Bernucci 2014), ele imprime uma marca pessoal que orienta duravelmente a representação da Amazônia, vendo-a como a figura da Esfinge (Cunha, 1927: 5). Seria o homem o novo Édipo capaz de resolver o seu enigma? Nada é certo. A floresta possui conotação do mal, e o escritor encena tragicamente o confronto do homem com a natureza e com ele mesmo, suas pulsões, seus desejos, seus limites. Para Euclides, esse homem é o mesmo sertanejo debilitado retratado nas páginas de *Os Sertões* (1902), e que ele reencontra na Amazônia e transfigura em herói da epopeia amazônica, sobre o qual se propõe escrever e desvendar no seu segundo “livro vingador”.

A natureza ingrata ganha uma vida autônoma, ilustrando a incompletude e a imperfeição da Criação. Esse espaço telúrico não é apenas a janela na evolução, evocadora para Santa-Anna Nery das eras pré-históricas, com seus “*últimos representantes da era terciária*”, *relembrando os “megatérios, os tigres dentes de sabre”* (Nery, 1899: 74) e outros animais pré-históricos desaparecidos no dilúvio, formando visões retomadas por Conan

Doyle na ficção *The Lost World* (1912), Márcio Souza, em *O Fim do Terceiro Mundo* (1990), assim como em *Tristes Tropiques*, por Lévi-Strauss (2001: 10).

Antítese do velho continente, a terra amazonense é energia, juventude, ser em porvir, para Euclides, força a ser domada na luta heroica do homem para implantar a civilização. Esse espaço expressa a sua natureza profundamente paradoxal. Tratando-se de um espaço também voltado para o futuro, torna-se emblemático para Euclides da construção da república: “É a terra moça, a terra infante, a terra em ser, a terra que ainda está crescendo.” (Cunha, 1927, p. 10).

Essa terra, no entanto, é uma terra torturada, vítima da exploração humana e agrega em si a nostalgia da inocência perdida, e a ideia de abandono claramente expressada no título da obra em construção: *O Paraíso Perdido* (concebida em 1906), resumindo a percepção de uma terra longínqua e abandonada pela própria nação, ideia expressa também no não menos famoso ensaio: *A Margem da História* (1909). Segundo ele, essa terra merece um defensor, assumindo esse papel e apresentando-se como o Jeremias tentando “vingar a Hiléia¹³ maravilhosa de todas as brutalidades das gentes adoidadas que a maculam desde o século XVII. Que tarefa e que ideal!” (Cunha, 1986: VI), exclama entusiasticamente em uma carta dirigida ao amigo e confidente, Coelho Neto, em 1905.

Mas a Amazônia vive um drama contido, segundo ele, em um fato paradoxal: “No Amazonas acontece, [...] esta cruel antilogia: sobre a terra farta e a crescer na plenitude risonha da sua vida, agita-se, miseravelmente, uma sociedade que está morrendo [...]” (Cunha, 1927: 12). A visão disfórica articulada em torno da fratura temporal prolonga-se na figuração de uma humanidade explorada. Esse quadro ressalta a percepção negativa do Indígena, visto como uma ruína dentro do *Inferno Verde*, segundo a fórmula imortalizada pelo escritor e amigo, Alberto Rangel (1927: 116-131).

Os escritos de viajantes, como os dos missionários, encorajaram ou justificaram a tarefa civilizadora que conduziu os povos autóctones à degradação. Em uma perspectiva fundada sobre a relação dominante/dominado, nutrida por uma lógica de desvalorização

¹³ Hiléia Amazônica: o termo popularizado por Alexander von Humboldt foi retomado por Gastão Cruls (1888-1944).

sistemática (amplamente influenciada pelas noções de progresso da humanidade e de construção nacional), a exterminação ou a assimilação foram as duas únicas alternativas oferecidas ao ameríndio.

La Condamine (2000: 60) mostra-se muito depreciativo em relação ao indígena: “insensível”, “estúpido”, “glutão”, “pusilânime”¹⁴ são alguns dos qualificativos aplicados à descrição dos índios do Peru, estendendo-se a todos os indígenas, livres ou não, o que lhe parece taxativo numa relação cultura *versus* barbárie:

[...] os índios das missões e os selvagens que gozam de liberdade são tão limitados por não dizer tão estúpidos quanto os outros, e não se pode ver sem humilhação o quanto o homem abandonado à natureza, privado de educação e sociedade, pouco difere das bestas.¹⁵

Encontramos, nos diários de Alexandre Rodrigues Ferreira (1783-1792), as mesmas fórmulas depreciativas com poucas variantes quando ele relembra as palavras do Padre Antonio Vieira, “[...] gente menos gente, laxos, estúpidos e indolentes” e acrescenta: “A debilidade é o caráter de seus corpos e a frieza, o de suas almas.” Ele se inspira na classificação de Lineu para conceber o “homem natural”. Em um capítulo chamado “Observações Gerais e particulares sobre a classe dos Mamíferos: ...”, inclui os Tapuias na ordem dos “primatas” e, quando se refere à existência de indígenas munidos de cauda, os reparte entre “monstruosos por artifício e monstruosos por natureza”¹⁶

¹⁴ “A insensibilidade é o fundamental. Fica a decidir se a devemos honrar com o nome de apatia, ou se lhe devemos dar o apodo de estupidez. Ela nasce indubitavelmente do número limitado de suas ideias, que não vai além de suas necessidades. Glutões até a voracidade, quando têm de que saciar-se; sóbrios quando a necessidade os obriga a se privarem de tudo sem parecerem nada desejar; pusilânimes ao excesso, se a embriaguez os não transporta; inimigos do trabalho, indiferentes a toda ambição de glória, honra ou reconhecimento; unicamente ocupados das coisas presentes, e por elas sempre determinados; sem a preocupação do futuro; incapazes de providência e reflexão; entregues, quando nada os molesta, a brincadeiras pueris, que manifestam por saltos e gargalhadas sem objeto nem desígnio; passam a vida sem pensar, e envelhecem sem sair da infância, cujos defeitos todos são conservados”. (La Condamine 2000: 60).

¹⁵ “[...] les Indiens des missions et les sauvages qui jouissent de leur liberté étant pour le moins aussi bornés, pour ne pas dire aussi stupides que les autres, on ne peut voir sans humiliation combien l’homme abandonné à la simple nature, privé d’éducation et de société, diffère peu de la bête”. (La Condamine 2004 : 62).

¹⁶ “Observações Gerais e particulares sobre a classe dos Mamíferos observados nos territórios dos três rios, das Amazonas, Negro e da Madeira: com Descrições circunstanciadas, que quase todos eles deram os antigos e modernos naturalistas, e principalmente com o dos Tapuias” (datado do 29 de fevereiro de 1790) (Pe. Vieira, Antonio. Apud Ferreira 2003: 34); ver também a esse respeito o estudo de Ronald Raminelli (1996:135).

(Vieira apud Ferreira 2003: 34) para distinguir as transformações do corpo resultantes de um costume específico ou de um estado natural.

A atitude de Martius (1817-1820) é ambivalente. Influenciado pelos ideais rousseauistas, ele interpreta a pobreza e a nudez como uma forma idílica de vida natural e defende com Spix a ideia de que os “índios amazônicos” não são “homens fósseis”, parados em uma fase inferior, mas, sim, descendentes empobrecidos e dispersos de grandes civilizações amazônicas, dizimadas pelas doenças e pelos massacres que se seguiram ao desembarque dos Conquistadores (Lefebure 2005: 19). No entanto, a sua benevolência para com os indígenas encontrados em diferentes cidades do interior em que faz escala com Spix, cede o passo ao horror frente às práticas escravocratas de alguns chefes de tribos, observadas em particular entre os Miranhas (Paiva 1972: 202).

O Tapuia, o indígena aculturado, é outro ator visto como uma figura da degenerescência segundo as teorias raciais em voga no século XIX. Duas razões são invocadas para explicar o fenômeno: o contato com a civilização, por um lado, e as consequências degenerativas da mestiçagem como o escrevem os viajantes suíços Luiz e Elizabeth Agassiz (1865-1866): “[...] o tipo puro desapareceu, e com ele todas as boas qualidades físicas e morais das raças primitivas, deixando em seu lugar bastardos tão repulsivos quanto os cães amastinados, que causam horror aos animais de sua própria espécie” (Agassiz 1975: 184). A realidade do contato reduz a estatura mítica do indígena, embora se associe à “pureza” originária, qualidades de tipo heroico. A sua alteridade multiplica os desentendimentos que alimentam fantasmas e favorecem interpretações fantasiosas.

O pintor François-Auguste Biard (1798-1882) é outro tipo de viajante, considerado um dos primeiros turistas na Amazônia. Em 1858, ele realiza uma viagem na floresta amazônica para viver em meio a tribos indígenas, elaborando uma série de esboços destinados a ser esculpidos em madeira. Seu livro, *Deux Années au Brésil* (1862), inclui retratos etnográficos e cenas em que os indígenas estão representados na floresta tropical, quase confundidos com a natureza. Nessas cenas, eles interagem com o pintor (Araujo 2003). O título de um dos desenhos, “Remadores selvagens e estúpidos”, que

qualifica os indígenas contratados a seu serviço, assim como a relação das desventuras padecidas com o seu doméstico Polycarpe (Biard 1995: 134), um índio destribalizado de origem Mura, são reveladoras da pobre opinião que ele faz dos autóctones, numa lógica marcadamente etnocentrista. Além disso, denotam a dificuldade de compreensão no trato cotidiano, e alguns dos aspectos nefastos do contato. Assim, para incitar os seus modelos a posar, ele quebra a sua resistência oferecendo-lhes cachaça.

Biard, como observou Ana Lucia Araújo (2003), tem uma abordagem original do Índio, pois ela ultrapassa a oposição clássica na qual é fechada a representação até lá. Nos retratos caricaturais e humorísticos produzidos pelo pintor, não é nem o bom selvagem idealizado, nem o maldoso corrompido. Uma visão bem diferente daquela produzida pelo pintor Hercules Florence (1804-1879), que participou da expedição dirigida pelo Conde Langsdörf. Nas suas descrições, como nos seus retratos, perpassam uma curiosidade, uma empatia para com os indígenas encontrados e uma abertura para o Outro.

Alfred Russel Wallace (1823-1913), como Biard ou como o Príncipe Adalberto de Prússia (1811-1873), salienta em um capítulo intitulado “Aborígenes da Amazônia” a diferença entre os indígenas do interior, ainda selvagens, e aqueles encontrados ao longo dos rios, corrompidos ao contato daquilo que a civilização oferece de pior: os regatões e os aventureiros. Assim, comparados ao Tapuia aculturado, “um pobre diabo abastardado e degenerado” (Wallace 1979: 291-292), os Dessanas do Rio Uaupé permanecem “seres superiores” que o fazem vivenciar a verdadeira alteridade: “senti que por fim entrara de chofre no meio de algo inédito e chocante, como se tivesse sido subitamente transportado para um país longínquo e desconhecido!” No entanto, ele desenvolve uma visão positiva dos indígenas que, segundo ele, podem se transformar através de “educação bem orientada numa comunidade pacífica e civilizada” (Wallace 1979: 314).

É então esse papel de civilizador e de educador que incumbe ao Ocidental na perspectiva colonialista, incentivada em relatos de viagem que criam uma familiaridade, um sentimento de pertencimento sobre as partes não ocidentais do mundo, conforme salienta Marie Louise Pratt (2010: 25). O médico Amédée Moure, em uma

correspondência elaborada entre 1847 e 1853, traz uma síntese das ideias mais comumente difundidas sobre o indígena americano:

A partir deste exame da constituição externa da raça indígena sul-americana, é possível precisar suas capacidades gerais. A testa baixa e escondida denota a astúcia. As vicissitudes da vida divagante e selvagem desenvolvem maravilhosamente a acuidade de sentidos. Seu largo peitoral e seus grandes ombros, seu pescoço fino, suas narinas desmedidamente dilatadas, seus olhos pequenos e vivos, suas orelhas mais finas que folhas de árvore, desenvolvidas e quase destacadas da cabeça, são órgãos adequados a uma contínua mobilidade, mas que obedece bem antes ao instinto animal que ao sentimento moral ou a uma impulsão intelectual qualquer.

Assim desprovido do gênio ativo, o índio se move e age apenas sob o império da necessidade. Desde que uma necessidade não o estimule, ele dorme ou brinca, e vive eternamente mergulhado em um torpor vazio que comunica ao conjunto de sua fisionomia, ao seu compasso, aos seus gestos, um não sei o que de triste e frio que se assemelha ao mesmo tempo ao ser humano e ao bruto¹⁷ (Moure, apud Gadenne 2010)

As analogias levantadas com o comportamento animal criam uma barreira quase insuperável entre o observador e o observado, baseando-se em uma hierarquia entre os seres humanos, fundada sobre a oposição entre natureza e cultura. Tais preconceitos excluem o índio da sociedade, que detém sua tutela, como uma criança irresponsável, apesar do Alvará de 8 de maio de 1758, fazendo dele um homem livre, dono de seus bens e de sua integridade.

Charles Expilly (1814-1886) se debruça sobre a questão da colonização, propondo uma via de restabelecer a economia enfraquecida depois da abolição da escravidão graças a um plano de participação ativa dos índios e migrantes europeus. Portanto, imagina a criação de uma “Companhia Central de Civilização”, um projeto liberal que permitiria, segundo ele, “gozar de certos privilégios sobre os territórios arrancados da barbárie.”

¹⁷ “D’après cet examen de la constitution extérieure de la race indienne sud-américaine, il est possible de préciser ses aptitudes générales. Le front bas et voilé dénote la ruse. Les vicissitudes de la vie errante et sauvage développent merveilleusement la finesse des sens. Sa large poitrine et ses vastes épaules, son col fluet, ses narines démesurément dilatées, ses yeux petits et vifs, ses oreilles plus minces que des feuilles d’arbre, épanouies et presque détachées de la tête, sont des organes appropriés à une continuelle mobilité mais obéissant bien plutôt à l’instinct animal qu’au sentiment moral ou qu’à une impulsion intellectuelle quelconque.

Ainsi dépourvu du génie actif, l’indien ne se meut et n’agit que sous l’empire du besoin. Tant qu’un besoin ne le stimule pas, il dort ou il joue, et vit éternellement plongé dans une torpeur hébétée qui communique à l’ensemble de sa physionomie, à sa démarche, à ses gestes, un je ne sais quoi de morne et de froid qui tient à la fois de l’être humain et de la brute”. (Moure apud Gadenne 2010).

Explicita claramente princípios inspirados pelo paternalismo e a condescendência característicos do colonizador que ele se recusa, no entanto, a ser, como utopista. Consistiria em criar lojas nas proximidades das tribos de modo a favorecer relações de troca e depois de amizade, no intento de vencer a “desconfiança feroz” (Expilly 1865: 305-306)... O angelismo do discurso não deve esconder o maquiavelismo do projeto. Expilly propõe substituir os missionários Jesuítas, cuja ação lhe parece nefasta por “professores comuns”, Lazaristas, nos quais ele vê o único meio de fazer reinar a paz entre as comunidades¹⁸. No espírito do autor, o indígena torna-se digno de interesse como potencial econômico. A instrução moral e a educação religiosa serão os agentes de sua desculturação, tornando-o então um ator na sociedade.

Élisée Reclus (1830-1905) também participa do debate. Em um artigo publicado em 1862, o geógrafo analisa a situação de colonização na Amazônia e discute a posição adotada pelo tenente Herndon (1813-1857), enviado pelo governo americano na Amazônia. Herndon defende a ideia do deslocamento dos índios em aldeias, com um governador e obrigações de trabalho. Sem ambiguidade, ele propõe duas alternativas: o trabalho ou a eliminação dos índios, cujo atraso compromete, segundo ele, o avanço do progresso e da civilização das nações mais adiantadas. “Tal parece ser o seu destino, a civilização deve avançar, ainda deve andar sobre o pescoço do selvagem e o esmagar sob seu passo soberano” (Herndon apud Reclus 1862: 947). Élisée Reclus condena o extremismo da posição assumida por Herndon, considerando-o como “escravagista”. Entre duas alternativas possíveis, ele descarta o uso da força, valorizando a integração por meio da instrução destinada a fixar os povos indígenas:

[...] é necessário os submeter a essa longa e doce influência que a instrução pode sozinha exercer. Em qualquer caso, continua provado que esse sistema habilmente opressor que reduzia os índios escravos ao estado de máquinas, e regulava todos seus movimentos ao som da campainha, deixou apenas ruínas e desolação em todas as partes da América onde foi aplicado.¹⁹

¹⁸ "Do momento onde a confiança estará de volta em seu coração, o índio esquecerá seus sofrimentos seculares. O início as alegrias puras, férteis da associação, na ordem e no trabalho, já terá avançado sua transformação; é a tarefa do missionário. Lembre-se que, sozinho, o mestre da escola pode fazer o resto". (Expilly 1865: 312).

¹⁹ "[...] il faut les soumettre à cette longue et douce influence que l'instruction peut seule exercer. Quoiqu'il en soit, il demeure prouvé que ce système savamment oppresseur qui réduisait les Indiens esclaves à l'état de machines, et réglait tous leurs mouvements au son de la cloche, n'a laissé que ruines et désolation dans toutes les parties de l'Amérique où il a été appliqué". (Reclus 1862 : 947).

Embora reconheça os efeitos desastrosos da colonização anterior, em particular a ação dos Jesuítas, Elisée Reclus mostra-se convencido da necessidade de reduzir a diferença e de adaptar o indígena à civilização ocidental. Mais uma vez, a dissimetria das relações desqualifica o ameríndio e o obriga a adotar o padrão ocidental.

A humanidade do índio americano ainda é posta em questão ao longo do século XIX, a partir das teorias raciais em voga na época e da posição etnocêntrica assumida pela ciência. Isso não impede que a sua imagem idealizada se torne simbólica de uma identidade nacional em construção, dentro do movimento literário romântico, que se reaproveita das ideologias europeias de construções nacionais, escolhendo o nativo genérico como emblema da singularidade americana.

O poeta e cientista Gonçalves Dias (1823-1864), encarregado de uma missão para o Instituto Histórico e Geográfico na região do Solimões e do Rio Negro entre 1858 e 1861, redige algumas observações sobre o comportamento dos indígenas em seu *Diário da Viagem ao Rio Negro*²⁰, e mostra-se comovido pela decadência desses povos depois da colonização.

O acadêmico e crítico literário paraense, José Veríssimo (1857-1916), em um conjunto de narrativas etnográficas, acredita nas virtudes da mestiçagem com populações vindas do exterior (consideradas superiores) e destinadas a branquear a “raça original”, ao mesmo tempo que defende a necessidade de promover a educação. Propaga uma visão negativa dos índios e afirma que os românticos desenvolveram uma representação errônea de uma população de fato degenerada:

E à vista de todas essas degradações, nós não podemos deixar de rir de teorias sentimentalistas de românticos da política ou da arte, e nos perguntar se esses sujeitos um dia dariam cidadãos úteis e procurar saber onde se encontram, entre essas mulheres feias e infortunadas, as Iracemas e entre esses homens rudes e grosseiros, os Ubirajaras. (Veríssimo 1970 apud NETO 1999)

²⁰ "Não há gente como a nossa, considerava eu. Soldados bons como eles! marujos excelentes – remeiros incansáveis, e sempre falando, sempre alegres. Dóceis, humildes, ainda assim dóceis e tratáveis. [...] E, estes pobres já tão pouco, [palavra ilegível] tão dizimados, ainda os recrutam como se devessem contemplar este Amazonas, para o qual não há colonos, e se diz não poder haver". (Dias 2002: 168).

"O reverso da medalha – são os bravios – já não fazem mal aos brancos mas ainda infundem respeito". (Dias 2002: 168).

Na ótica do escritor, eles estão em um primeiro nível de desenvolvimento humano, e são incapazes de sair do estado infantil. Essa visão racista desenvolvida no século XIX prevê a eliminação das “raças ditas inferiores”.

3 Conclusão

Os escritos sobre a Amazônia são diversos e as viagens de descoberta inspiraram uma multiplicidade de relatos, diários e ensaios. O caráter atípico da Amazônia faz com que seja um dos lugares que mais despertaram a curiosidade. Os exploradores experimentaram o descrever, o fotografar, o desenhar um mundo muito distante do mundo ocidental, assim como testemunhar a realidade da façanha realizada. Se as descrições da terra são muito presentes nos primeiros relatos, a descoberta da alteridade focaliza aos poucos a atenção sobre o homem, o autóctone, ou, como no caso de Euclides da Cunha, sobre o imigrante, o Sertanejo que veio povoar o “deserto”.

Múltiplas narrativas se propõem a desvendar os mistérios da selva e desenvolvem-se em torno de figuras recorrentes, das quais destacamos aqui apenas alguns dos tópicos mais comumente difundidos. Se por um lado esses escritos têm um valor científico e documental incontornável, não deixam de ser um espaço narrativo em que transparece a subjetividade do narrador, assim como o espírito do tempo, e as ideologias em voga na altura da escrita. O narrador exprime uma gama de sentimentos diversos, frequentemente contraditórios reveladores da complexidade do objeto de estudo.

No que se refere às populações autóctones, as considerações salientadas aqui são apenas uma amostragem dos julgamentos, em sua maioria depreciativos, afetando suas capacidades físicas e intelectuais. Desqualificado como Novo Adão, o indígena aparece despido da dimensão maravilhosa, à medida que as populações são submetidas ao trabalho forçado e à catequização sistemática.

Objeto de curiosidades para o século XVIII, ele integra as ciências naturais durante o século XIX como qualquer elemento da fauna local. A dissimetria das relações justifica todo um aparato legal que o relega ao estatuto de criança irresponsável (as consequências

disso no imaginário permanecem visíveis na atualidade). As barreiras linguísticas e a superficialidade dos contatos contribuem para criar a visão de um ser atrasado, impróprio a qualquer forma de trabalho e de evolução. A visão do *Bom Selvagem* não resiste ao espetáculo degradado do indígena amazonense em seu contato com a civilização ocidental. O culto da civilização afasta o homem das Luzes da Natureza, e a ideologia do progresso o vê como um obstáculo para o avanço da civilização.

As descrições se constroem em uma dualidade: a relação diferencial entre o colonizador, que surge como ser superior e conessor de lições, e o Outro, um ser genérico reduzido à ignorância, esvaziado de sua essência e individualidade. Tais considerações decorrem da rejeição histórica sofrida pelo ameríndio, cuja presença constituía um obstáculo à expansão colonial, verdadeiro objetivo da viagem de exploração. O desprezo e a desvalorização foram armas destinadas a favorecer sua submissão. Sua diferença radical induziu uma lógica de eliminação, sustentada pela ideologia do progresso.

Os tópicos analisados aqui constituem uma parte desse imaginário fecundo que espelha a complexidade da nossa relação ao desconhecido, desde a antiguidade, como relembra Levi-Strauss (1987: 22) quando afirma: “O bárbaro é para começar o homem que cresce na barbárie”. Questionar a noção de barbárie deveria ser o nosso principal objetivo para reconsiderar as relações com o Outro. O espaço ficcional contemporâneo, evocado aqui através de alguns autores, abre-se a esta revisão crítica.

TRABALHOS CITADOS

- ACUÑA, Cristobal. Trechos de descobrimentos do Rio das Amazonas. Apud FREIRE, José Ribamar Bessa. *A Amazônia Colonial (1616 - 1798)*. 5. ed. Manaus : Editora Metro Cúbico, 1994.
- AGASSIZ, Luiz e Elizabeth. *Viagem ao Brasil (1865-1866)*. São Paulo: EDUSP; Livraria Itatiaia, 1975. (Coleção Reconquista do Brasil).
- ARAUJO, Ana Lucia. Bon sauvage ou Méphistophélès? La représentation de l'Amérindien Brésilien dans les relations : *Voyage Pittoresque et Historique au Brésil (1834)* et *Deux Années au Brésil (1862)*. *Construction, conflits et affirmations*. Colloque Francophonie en Amérique. Québec, 2003. Disponível em: <<http://www.ulaval.ca/afi/colloques/colloque2003/decouvreurs/araujo.html> >. Acesso em: 28 de maio 2009.
- BELLUZZO, Maria. O Brasil dos viajantes. *Revista USP*, n.30, p. 10, jun.-jul.-ago., 1996.
- BERNUCCI, Leopoldo. *A terceira margem do texto*. Conferência. Paris: Centro Cultural Gulbenkian, 17 de Março 2014.
- BEZERRA NETO, José Maia. José Veríssimo: pensamento social e etnografia da Amazônia (1877/1915). *Dados*, Rio de Janeiro, v. 42, n. 3, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52581999000300006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 junho 2009.
- BIARD, Auguste. *Le pèlerin de l'Enfer vert : Rio-Amazone, 1858-1859*. Paris: Phébus, 1995.
- BUENO, Magali Franco. *O imaginário brasileiro sobre a Amazônia: uma leitura dos viajantes, do estado, dos livros didáticos de Geografia e da Mídia impressa*. Tese (Doutorado em Geografia) -- FFLCH, 2002.
- CARVAJAL, Gaspar de. *Descobrimientos do rio das Amazonas*. Alonso de Rojas; Cristobal de Acuña ; trad. e anot. por C. de Melo-Leitão. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941.
- CUNHA, Euclides da. Preambulo. In: RANGEL, Alberto. *Inferno Verde: cenas e cenários do Amazonas*. Prefácio Euclides da Cunha. 4. ed. [1908]. Tours: Typografia Arrault & Cia, 1927.
- CUNHA, Euclides da. *Um Paraíso Perdido : ensaios, estudos e pronunciamentos sobre a Amazônia*. Rio de Janeiro: José Olympio; Fundação de Desenvolvimento de Recursos Humanos da Cultura e do Desporto do Governo do Estado do Acre, 1986.
- DENIS, Ferdinand. *Le monde enchanté, Cosmographie et Histoire Naturelle fantastiques du moyen âge*, Paris: A. Fournier, Libraire-éditeur, 1843.
- DENIS, Ferdinand. *Histoire et description du Brésil: Colombie et Guyanes*. Paris: Firmin Didot Frères Éditeur, 1839.
- DIAS, Gonçalves. *Gonçalves Dias na Amazônia: relatórios e diários da viagem ao Rio Negro*. Prefácio Josué Montello. Rio de Janeiro: Academia de Letras, 2002.
- DUPUY, Lionel. *Géographie et imaginaire géographique dans Les Voyages extraordinaires de Jules Verne : Le Superbe Orénoque (1898)*. Thèse (Doctorat en Géographie) -- Université de Pau et des Pays de l'Adour, 2009.
- EMERY, Bernard. As icamiabas, os Gêmeos... e Taracuté. Algumas reflexões sobre o imaginário amazonense, entre contaminação e vernaculismo. In: _____. *Vozes da Amazônia*. Manaus: Editora Valer, Edua, 2014. v.2, p. 97-116.
- EXPILLY, Charles. La traite, l'émigration et la colonisation au Brésil. *La Revue du Monde Colonial, Asiatique et Américain*, Paris: A Lacroix Verboeckhoven et Cie, 1865, in-8°.
- FERREIRA, Alexandre Rodrigues. *Viagem ao Brasil: a expedição filosófica pelas Capitânicas do Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuyabá*. São Paulo: Academia das Ciências de Lisboa, 2003. v.2.
- GONDIM, Neide. *A invenção da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero, 1994.

- GREENBLATT, Stephen. *Ces merveilleuses possessions : découvertes et appropriation du Nouveau Monde au XVII^e siècle*. Trad. Franz Regnot. Paris : Les Belles Lettres, 1996.
- GRUZINSKI, Serge. *La pensée métisse*. Paris: Fayard, 1999.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento do Brasil*. 6. ed. [1959]. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1996.
- HUMBOLDT, Alexandre de. *Voyage aux Régions équinoxiales du Nouveau Continent fait en 1799, 1800, 1801, 1803 et 1804*. Paris: Maze, Libraire, 1819. t.2.
- KURY, Lorelai. Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. *História, Ciências, Saúde Manguinhos*, v. 8 (suplemento), 2001.
- LA CONDAMINE, Charles Marie de. *Voyage sur l'Amazonie*. Paris: Éditions La Découverte, 2004.
- LA CONDAMINE, Charles Marie de. **Viagem na América meridional descendo o Rio das Amazonas**. Brasília: Senado Federal, 2000. (Col.O Brasil Visto por Estrangeiros).
- LEFEBURE, Antoine. *L'Amazonie disparue : Indiens et explorateurs 1825-1930*. Paris: Editions la Découverte, 2005.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Race et histoire*. [1952]. Paris: Denoël, 1987.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes tropiques*. [1955]. Paris: Plon, 2001.
- LEQUENNE, Michel. *Amazonie ventre de l'Amérique : Gaspar de Carvajal, Relation de la première descente de l'Amazonie*. Grenoble: Million Jérôme, 1994.
- MEIRELLES FILHO, João. *Grandes expedições à Amazônia Brasileira, 1500-1930*. São Paulo: Metalivros, 2009.
- MELLO MORAES. Corografia Histórica. Apud TOCANTINS Leandro. *Amazônia, natureza, homem e tempo*. Rio de Janeiro: Conquista, 1960.
- MOURE, Amédée. Les Indiens de la province de Matto-Grosso. Apud GADENNE Clothilde. L'altérité niée: Indiens du Brésil et voyageurs français au XIX^e siècle. *RITA*, n. 3, abr. 2010. Disponível em: <<http://www.revue-rita.com/content/view/75/151/>>. Acesso em: jun. 2010.
- NERY, Baron Francisco José de Santa-Anna. *Le pays des Amazones: L'El-Dorado, Les terres à caoutchouc*. [1885]. Paris : Librairie Guillaumin et Cie, 1899.
- NERY, Baron Francisco José de Santa-Anna. **O país das Amazonas**. São Paulo: EDUSP, 1979.
- PAIVA, Mário Garcia. *A grande aventura de Spix e Martius*. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 1972.
- PRATT, Mary. *Ojos Imperiales: literatura de viajes y transculturación*. Trad. Ofélia Castillo. México: FCE, 2010.
- RALEIGH, Sir Walter. *The discovery of Guiana, and the Journal of the second voyage thereto*. New York: Mershon Co, 1893.
- RAMINELLI, Ronald. *Imagens da colonização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; São Paulo, Edusp;Fapesp, 1996.
- RANGEL, Alberto. *Inferno Verde: scenas e cenários do Amazonas*. Prefácio Euclides da Cunha. 4. ed. Tours: Typografia Arrault & Cia, 1927.
- RECLUS, Elisée. Le Brésil et la colonisation 1. *Revue des Deux Mondes*, n. 3, mai.-juin. 1862. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k86987f.image.r=La+Revue+des+Deux+Mondes%2C+Vol+39.f953.langFR>>. Acesso em: 22 jun. 2009.
- SOUZA, Márcio. *A expressão amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo*. São Paulo: Alfa-Omega, 1977.
- SOUZA, Márcio. *A expressão amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo*. Manaus: Editora Valer, 2009.

- SOUZA, Márcio. *Breve História da Amazônia*. [1994]. Ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Editora Agir, 2001.
- SOUZA, Márcio. *História da Amazônia*. Manaus: Editora Valer, 2009.
- SOUZA, Márcio. *A literatura na Amazônia: as Letras na pátria dos mitos*. Disponível em: <http://www.marciosouza.com.br/interna.php?nomeArquivo=coluna_literatura>. Acesso em: jun. 2010.
- SPIX, Johann Baptist; MARTIUS, Karl Friedrich Philipp. *Viagem pelo Brasil, 1817-1820*, v. 3. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1981. (Col. Reconquista do Brasil).
- THIERION, Brigitte. *Regards sur l'Amazonie : Fiction histoire et identité dans l'œuvre de Márcio Souza*. Thèse (Doctorat en Littérature Brésilienne) -- Université de Rennes 2 – Haute Bretagne, 2010.
- WALLACE, Alfred Russel. *Viagens pelos Rios Amazonas e Negro*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, São Paulo: EDUSP, 1979.

Brigitte Thiérion é Professora adjunta da Université Sorbonne Nouvelle-Paris 3 (France) e membro do CREPAL (Centre de Recherche sur les Pays Lusophones. – EA 3421). Ensina literatura e civilização brasileiras, nos níveis de graduação e pós-graduação. A partir da tese, centrada na obra do escritor Márcio Souza, desenvolve pesquisas em torno da reescrita da História na ficção contemporânea, da identidade e da construção das representações da Amazônia e do seu reemprego na ficção. Interessa-se, igualmente, pelos relatos de viagem e outros escritos ligados à exploração da Amazônia e de seus povos, e pela circulação das ideias (nas trocas simbólicas entre o Brasil e a Europa, e nas relações interamericanas, em particular, no eixo Brasil/Canadá) em uma perspectiva comparatista.

Artigo recebido em 20/01/2015. Aprovado em 07/04/2015.